

DOSSIÊ PRODUÇÃO DISCENTE

O NÍVEL DE CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM SOBRE A DISFAGIA NO SETOR DE CLÍNICA MÉDICA DO HOSPITAL ESCOLA ÁLVARO ALVIM (CAMPOS/RJ)¹

EL NIVEL DE CONOCIMIENTOS DE PROFESIONALES DE ENFERMERÍA SOBRE LA DISFAGIA EN EL SECTOR DE CLÍNICA MÉDICA DEL HOSPITAL ESCUELA ÁLVARO ALVIM (CAMPOS/RJ)

THE LEVEL OF KNOWLEDGE OF NURSING PROFESSIONALS ABOUT DYSPHAGIA IN THE MEDICAL CLINIC SECTOR OF THE SCHOOL HOSPITAL ÁLVARO ALVIM (CAMPOS/RJ)

Renata Dias Prado Lessa ²

RESUMO:

Esse estudo avaliou o nível de conhecimento dos profissionais técnicos de enfermagem e enfermeiros em relação aos seus conhecimentos sobre sintomas e sinais da alteração da deglutição. Mediante os estudos que relatam que o corpo de enfermagem e cuidadores de pacientes sem experiência podem levar o paciente à broncoaspiração, a enfermagem tem um importante papel em identificar pacientes com disfagia por passar maior parte do tempo junto aos mesmos. Uma equipe treinada pode ajudar a diminuir e até mesmo impedir complicações e mortes associadas à disfagia. A interação entre Fonoaudiologia e a Enfermagem busca minimizar e prevenir as complicações da deglutição, ressalta-se que o número de fonoaudiólogos dentro dos hospitais ainda é pequeno e na maioria das vezes é a equipe de enfermagem que passa mais tempo com os pacientes hospitalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Disfagia. Fonoaudiologia. Equipe de enfermagem.

¹ Artigo desenvolvido sob orientação da Prof^a. Esp. Cristiane da Silva Rangel de Meneses e co-orientação do Prof. Me. Cecílio Peixoto Gomes Neto como avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, no 8º. Período do curso de Fonoaudiologia e apresentado à banca examinadora.

² Aluna do curso de Fonoaudiologia do UNIFLU. E-mail: redias4@gmail.com

RESUMEN:

Este estudio evaluó el nivel de conocimientos de los profesionales técnico de enfermería y enfermeros en relación a sus conocimientos sobre síntomas y signos de la alteración de la deglución. Mediante los estudios que relatan que el cuerpo de enfermería y cuidadores de pacientes sin experiencia pueden llevar al paciente a la broncoaspiración, la enfermería tiene un importante papel en identificar pacientes con disfagia por pasar la mayor parte del tiempo junto a ellos. Un equipo entrenado puede ayudar a disminuir e incluso prevenir complicaciones y muertes asociadas a la disfagia. La interacción entre fonoaudiología y la enfermería busca minimizar y prevenir las complicaciones de la deglución. Se resalta que el número de fonoaudiólogos dentro de los hospitales sigue siendo pequeño y la mayoría de las veces es el equipo de enfermería que pasa más tiempo con los pacientes hospitalizados.

PALABRAS CLAVE: Disfagia. Fonoaudiología. Equipo de enfermería.

ABSTRACT:

This study evaluated the level of knowledge of Nursing technician and Nurse professionals regarding their knowledge about symptoms and signs of swallowing disorders. Through studies that report that nursing staff and caregivers of inexperienced patients can lead the patient to bronchoaspiration, nursing plays an important role in identifying patients with dysphagia by spending most of their time with them. A trained team can help reduce and even prevent complications and deaths associated with dysphagia. The interaction between speech therapy and nursing seeks to minimize and prevent the complications of swallowing, it is noteworthy that the number of speech therapists within hospitals is still small and most of the time is the nursing staff who spends more time with hospitalized patients.

KEYWORDS: Dysphagia. Speech therapy. Nursing team.

1 - INTRODUÇÃO

A alimentação é um fator imprescindível para a conservação da vida, além de estar relacionada ao prazer, à cultura, ao afeto e à socialização entre as pessoas, desde a mãe que amamenta seu filho até a avó que prepara o almoço de domingo. Qualquer alteração na capacidade alimentar poderá implicar alterações na qualidade de vida dos seres humanos.

Partindo do princípio de que a deglutição é o ato de engolir e responsável por levar o alimento e/ou saliva desde a boca até o estômago, tendo a finalidade de

satisfazer os requisitos nutricionais do indivíduo e proteger a via aérea com manutenção do prazer alimentar (FURKIM; SANTINI, 1999), a disfagia orofaríngea é definida como transtorno da deglutição, que é a dificuldade de deglutir, abrangendo alteração no trânsito do bolo alimentar da boca ao estômago, além de ser um ato complexo e contínuo que pode ser dividido em quatro fases: preparatória, oral, faríngea e esofágica (GROHER, 1997 *apud* FURKIM; SANTINI, 2008), considerada como um sintoma de extrema importância para várias patologias. É manifestada devido ao aumento de tempo para alimentação, podendo ocasionar tosse durante as refeições, aumento de secreções, pneumonias, emagrecimento, desidratação e desnutrição. A disfagia pode ocorrer em qualquer faixa etária, aumentando a prevalência de acordo com o avanço da idade.

Quando a disfagia orofaríngea é diagnosticada, o fonoaudiólogo é o profissional indicado para definir o melhor tratamento para o paciente, assim como para realizar o acompanhamento deste, pois possui proficiência necessária para identificar alterações da deglutição e prescrever os exercícios específicos e a consistência alimentar segura a ser ofertada ao paciente (LEONOR et al., 2015, p. 1531). A intervenção inadequada pode originar complicações e aumentar o tempo de internação do paciente.

Por sua vez, a participação da equipe de Enfermagem é de suma importância para identificação dos distúrbios da deglutição, pois os técnicos e enfermeiros estão presentes continuamente ao leito do paciente, principalmente na hora das refeições. Para isso, deve ser realizado um treinamento específico com a equipe de Enfermagem sobre disfagia orofaríngea por meio de educação continuada, resultando na eficácia e no aprimoramento do atendimento dispensado ao paciente. A educação continuada é essencial para o desenvolvimento profissional da equipe de Enfermagem envolvida no tratamento de disfagia orofaríngea, valendo-se do próprio ambiente de trabalho e da atividade laborativa para aproveitamento das circunstâncias cotidianas e reais de aprimoramento, aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Deste modo, esta pesquisa de campo tem por objetivo avaliar o nível de conhecimento dos profissionais da área de Enfermagem do setor de Clínica Médica do Hospital Escola Álvaro Alvim (HEAA), localizado em Campos dos Goytacazes (RJ). De modo específico, busca-se evidenciar o conhecimento da equipe de enfermagem na assistência do paciente disfágico; descrever a atuação dos profissionais de

enfermagem na identificação dos fatores de risco e no suporte durante o tratamento da alteração da deglutição; e, por fim, verificar se a educação continuada é um caminho necessário e possível para intervir na formação dos profissionais abordados.

O HEAA foi fundado em 1934 e configura-se como uma “entidade jurídica de direito privado, de domínio público, sem fins lucrativos” (HEAA, 2018). Além de prestar serviços médicos, a instituição também mantém atividades ligadas à educação de estudantes da área da saúde. Em relação à Fonoaudiologia, o Hospital conta com o recém implantado Campo de Estágio em Fonoaudiologia, fruto de uma parceria com o Centro Universitário Fluminense (Uniflu).

As atividades do Campo de Estágio iniciaram-se em março de 2018 e ocorrem semanalmente, em todas as quintas-feiras, com uma equipe formada pelo preceptor e pelos alunos do 8º período e dividida em dois turnos (manhã e tarde). O projeto, que atende pacientes adultos e idosos da UTI e da Clínica Médica, de acordo com o Protocolo de Avaliação (POP – Procedimento Operacional Padrão), mostra-se também como fonte de atualização para os profissionais do Hospital, pois este não conta com um profissional de Fonoaudiologia disponível nos setores apresentados.

Como referencial teórico, sustentem-se os fundamentos da Fonoaudiologia e sua relação com a fisiologia da Deglutição Orofaríngea com apoio nas considerações traçadas no *Tratado de Fonoaudiologia*, cuja segunda edição é organizada pelas doutoras Fernanda Dreux M. Fernandes, Beatriz Castro A. Mendes e Ana Luiza Pereira G. P. Navas.

Já a abordagem específica sobre a Disfagia Orofaríngea, considerando seus sintomas e seus tratamentos, foi realizada com base nos postulados do *Tratado da Deglutição e Disfagia no adulto e na criança*, organizado pelos especialistas Geraldo Jotz, Elisabete Carrara-de Angelis e Ana Paula Barros. Além disso, consultam-se também os dois volumes da obra *Disfagias Orofaríngeas*, organizados por Ana Maria Furkim e Celia Salviano Santini.

Além disso, os procedimentos realizados para o tratamento do paciente disfágico foram reunidos a partir do livro *Manual de Cuidados do Paciente com Disfagia*, cuja autoria é de Evaldo Dacheux Filho, Guilherme F. Gomes e, novamente, Ana Maria Furkim.

Justifica-se esta pesquisa devido a evidências (GUEDES et al., 2009) de que, quando não ocorre o cumprimento pela equipe de Enfermagem das orientações para a prevenção de disfagia, é notável que não há evolução no prognóstico do paciente, contribuindo para complicações pulmonares que levam o doente ao quadro do distúrbio. Desse modo, a pesquisa busca avaliar o nível de conhecimento dos profissionais técnicos em enfermagem e enfermeiros em relação aos sintomas e sinais da alteração da deglutição.

Guedes et al. (2009, p. 374), amparada nos estudos de H. Werner, também relata que o corpo de enfermeiros e cuidadores de pacientes sem experiência podem levar o paciente à broncoaspiração. A enfermagem, portanto, tem um importante papel em identificar pacientes com disfagia, pois estes profissionais passam a maior parte do tempo à beira leito. Uma equipe treinada pode ajudar a diminuir e, até mesmo, impedir complicações e mortes associadas à disfagia.

A interação entre Fonoaudiologia e a Enfermagem busca minimizar e prevenir as complicações da deglutição. Ressalta-se que o número de fonoaudiólogos dentro dos hospitais ainda é pequeno (Ibidem), e a equipe de enfermagem mantém maior contato direto com o paciente durante o seu processo de recuperação, podendo sinalizar qualquer alteração ou fator de risco relacionado à deglutição da pessoa assistida.

2 - MÉTODOS

Esta pesquisa adotou por metodologia dois caminhos: a pesquisa bibliográfica, com consulta a livros, artigos e documentos específicos da área de Fonoaudiologia e o estudo da disfagia orofaríngea; e pesquisa de campo, com aplicação de questionários, cujo modelo compõe o Anexo A deste trabalho, à equipe de Enfermagem do setor de Clínica Médica do HEAA.

Para a aplicação dos questionários, processo ocorrido de 28 a 30 de agosto de 2018, foi necessário solicitar autorização à Direção Clínica do HEAA, por meio de termo elaborado pelo UNIFLU e assinado pelo diretor Dr. Ernesto Carlos Pessanha. Posteriormente, ocorreu a aplicação para 22 profissionais da Enfermagem do terceiro

andar do Hospital, área onde ocorre o funcionamento da Clínica Médica da instituição. Os participantes dividem-se entre enfermeiros e técnicos de Enfermagem. Auxiliares de enfermagem não compõem o quadro de funcionários do setor.

3 - RESULTADOS

Conforme se observa abaixo, a Tabela 1 aponta que a maioria dos entrevistados possui mais de 42 anos de idade, enquanto a Tabela 2 apresenta que todos possuem mais de cinco anos de profissão. Nota-se também que a maioria dos profissionais possui formação técnica em Enfermagem.

Tabela 1 - Idade dos profissionais.

| GRUPO | 18 – 25 anos | 26 – 33 anos | 34 – 41 anos | Acima de 42 anos |
|------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|-------------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 1 | 1 | 5 | 11 |
| Enfermeiro | 0 | 1 | 2 | 1 |
| Total | 1 | 2 | 7 | 12 |

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 2 - Tempo de profissão dos profissionais

| GRUPO | Menos de 5 anos | 5-10 anos | Acima de 10 anos |
|------------------------|------------------------|------------------|-------------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 |

| | | | |
|----------------------------|---|---|----|
| Téc. Enfermagem | 0 | 3 | 15 |
| Enfermeiro | 0 | 2 | 2 |
| Total | 0 | 5 | 17 |

Fonte: dados da pesquisa.

Acerca do conhecimento específico sobre a alteração da deglutição, a Tabela 3, exibida a seguir, indica que todos os profissionais se consideraram capazes de reconhecer sinais ou sintomas relacionados a esse distúrbio.

Tabela 3 - Percepção de sinal ou sintoma da alteração da deglutição.

| GRUPO | Sim | Não |
|------------------------|------------|------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 18 | 0 |
| Enfermeiro | 4 | 0 |
| Total | 22 | 0 |

Fonte: dados da pesquisa.

As duas próximas tabelas revelam, no entanto, que alguns entrevistados desconhecem tanto fatores básicos que podem causar a alteração da deglutição, quanto sintomas importantes na avaliação do paciente disfágico. Na Tabela 4, evidencia-se que apenas cinco profissionais não consideram o reumatismo como fator que causa disfagia, o que é correto; enquanto, na Tabela 5, nota-se que oito técnicos em Enfermagem ignoraram sintomas importantes na avaliação de um possível paciente disfágico, como a tosse, o engasgo ao engolir e a pneumonia aspirativa.

Tabela 4 - Fator que não causa a disfagia

| GRUPO | AVC | Tumores cerebrais | Câncer de cabeça e pescoço | Reumatismo |
|------------------------|------------|--------------------------|-----------------------------------|-------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 4 | 0 | 1 | 13 |
| Enfermeiro | 0 | 0 | 0 | 4 |
| Total | 4 | 0 | 1 | 17 |

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 5 - Item não importante na avaliação da alteração da deglutição.

| GRUPO | Pressão arterial alterada | Tosse ou engasgo ao engolir | Perda de peso | Pneumonia aspirativa |
|------------------------|----------------------------------|------------------------------------|----------------------|-----------------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 10 | 1 | 4 | 3 |
| Enfermeiro | 4 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 14 | 1 | 4 | 3 |

Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 6, disposta abaixo, aponta que todos os entrevistados possuem conhecimento sobre a posição adequada para a ministração da dieta no paciente por via oral, pois todos escolheram opções possíveis para tal procedimento.

Tabela 6 - Posição adequada para o paciente receber a dieta ministrada por via oral.

| GRUPO | Deitado | Sentado | Cabeceira elevada à 45 |
|------------------------|----------------|----------------|-------------------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 0 | 9 | 9 |
| Enfermeiro | 0 | 1 | 3 |
| Total | 0 | 10 | 12 |

Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 7, exibida a seguir, apresenta a quais profissionais os entrevistados consideram recorrer quando notam a alteração da deglutição no paciente. É relevante apontar que o setor analisado nesta pesquisa não possui, em seu quadro de funcionários, um fonoaudiólogo, fato que justifica a preferência dos trabalhadores abordados em procurar o enfermeiro e o médico.

| GRUPO | Comunica ao fonoaudiólogo | Comunica ao médico | Comunica ao enfermeiro | Nenhuma das alternativas |
|------------------------|----------------------------------|---------------------------|-------------------------------|---------------------------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 0 | 4 | 14 | 0 |
| Enfermeiro | 0 | 4 | 0 | 0 |
| Total | 0 | 8 | 14 | 0 |

Tabela 7: Ação a ser realizada ao se perceber alteração da deglutição do paciente.
Fonte: dados da pesquisa.

As próximas quatro tabelas dizem respeito à relação dos entrevistados com a área de Fonoaudiologia. A Tabela 8, exibida a seguir, aponta que a minoria dos funcionários do setor já trabalhou juntamente a fonoaudiólogos. A Tabela 9 detalha, no entanto, que apenas uma pequena parte da equipe já recebeu orientações específicas para o cuidado de pacientes com alteração da deglutição.

Tabela 8 - Profissionais que já trabalharam em conjunto à equipe de Fonoaudiologia.

| GRUPO | Sim | Não |
|------------------------|------------|------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 1 | 17 |
| Enfermeiro | 1 | 3 |
| Total | 2 | 20 |

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 9 - Profissionais que já receberam orientação fonoaudiológica sobre cuidados com pacientes com alteração de deglutição.

| GRUPO | Sim | Não |
|------------------------|------------|------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 3 | 15 |
| Enfermeiro | 1 | 3 |
| Total | 4 | 18 |

Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 10, por sua vez, diz respeito apenas aos entrevistados que receberam orientações para cuidar de casos de disfagia, conforme se evidenciou na

tabela anterior. É notável que todos estes responderam que sempre seguem as orientações transmitidas pela equipe de estagiários do curso de Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário Fluminense.

Tabela 10 - Frequência com que os profissionais que responderam “sim” à pergunta-base da tabela anterior seguem as orientações fonoaudiológicas recebidas.

| GRUPO | Nunca | Às vezes | Sempre |
|----------------------------|--------------|-----------------|---------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 0 | 0 | 3 |
| Enfermeiro | 0 | 0 | 1 |
| Total | 0 | 0 | 4 |

Fonte: dados da pesquisa.

Por fim, a Tabela 11 revela que todos os profissionais entrevistados da Clínica Médica do Hospital Escola Álvaro Alvim gostariam de ter mais orientações sobre a alteração de deglutição.

Tabela 11 - Profissionais que gostariam de receber mais orientações sobre o assunto.

| GRUPO | Sim | Não |
|----------------------------|------------|------------|
| Aux. Enfermagem | 0 | 0 |
| Téc. Enfermagem | 18 | 0 |
| Enfermeiro | 4 | 0 |
| Total | 22 | 0 |

Fontes: dados da pesquisa.

4 - DISCUSSÃO

A discussão realizada aqui se baseia nos dados obtidos por meio da análise dos questionários aplicados aos funcionários da Enfermagem do setor de clínica médica do Hospital Escola Álvaro Alvim. A recepção dos funcionários foi positiva, e todos se mostraram interessados em contribuir com essa etapa da pesquisa. Nas perguntas, optou-se por utilizar o termo “alteração da deglutição” em vez de “disfagia”, pois o primeiro é mais adotado na área da Enfermagem. No mais, não se notaram dificuldades para que os profissionais interpretassem e respondessem as perguntas que compuseram o questionário.

O primeiro ponto a ser destacado da equipe em análise é que a maioria dela é formada por técnicos em Enfermagem, fato que se justifica devido ao grande número de pacientes atendidos pela instituição. Nota-se também que os enfermeiros, apesar de existentes em menor número, acumulam muitas funções, como prestar assistência aos pacientes e coordenar a equipe técnica do setor, além de cuidar da parte burocrática do trabalho desenvolvido.

É notável também que todos os trabalhadores possuem mais de cinco anos de experiência na área e que a maioria tem mais de 10 anos de trabalho na Enfermagem, revelando que a equipe possui um tempo considerável de atuação no cuidado de pacientes. Assim, esses dados podem justificar o fato de todos os profissionais abordados se sentirem capacitados para identificar sinais ou sintomas da disfagia.

Essa autoconsciência, no entanto, não se materializou nas respostas dos entrevistados, quando os profissionais tiveram seus conhecimentos sobre a alteração da deglutição testados. Apesar de todos identificarem as posições adequadas para a ministração da dieta por via oral no paciente, foi possível identificar membros técnicos da equipe que desconhecem sintomas básicos da disfagia, como a perda de peso, a pneumonia aspirativa e, até mesmo, a tosse ou o engasgo ao engolir alimentos ou saliva. O fato de os enfermeiros conseguirem identificar sintomas e causas da disfagia pode ser associado à formação acadêmica superior, que mostra ser um fator determinante neste resultado.

A mesma carência de informação é perceptível quando os entrevistados foram questionados sobre os fatores que causam a disfagia: alguns apontaram erroneamente que o acidente vascular cerebral e o câncer de cabeça e pescoço não podem provocar a alteração da deglutição. Esses resultados confirmam que a equipe possui uma carência de orientações fonoaudiológicas para tratar de pessoas com essa patologia. Devido ao fato de o setor de Clínica Médica investigado não possuir um profissional de Fonoaudiologia, os médicos e os enfermeiros tornam-se pessoas de referência em caso de se notar que a deglutição de um paciente está alterada.

Os reflexos da ausência de contato com informações fonoaudiológicas ficaram expostos na relação entre os entrevistados e a própria Fonoaudiologia. Apenas dois membros da equipe analisada já trabalharam juntamente a uma equipe de profissionais da área, o que revela que a maioria não conhece a importância dessa especialidade, mas apenas quatro funcionários relataram que já receberam e que seguem orientações para tratar a disfagia, confirmando, mais uma vez, a importância de orientações específicas sobre o distúrbio.

Por fim, mesmo com a declaração de que se considerava apta para identificar sinais ou sintomas da disfagia, a equipe se mostrou muito consciente em reconhecer a necessidade de receber mais orientações sobre o assunto. Além da carência de conhecimento, essa necessidade talvez tenha origem também na ausência de um fonoaudiólogo que acompanhe a rotina do setor e que possa atuar diretamente sobre os casos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar o nível de conhecimento sobre disfagia da equipe de Enfermagem do setor de Clínica Médica do Hospital Escola Álvaro Alvim, localizado em Campos dos Goytacazes (RJ). Como metodologia, adotaram-se a pesquisa bibliográfica, com consultas a livros e artigos sobre o assunto; e a pesquisa de campo, com aplicação de questionários sobre os funcionários.

Após a análise dos dados obtidos, conclui-se que uma parcela considerável dos profissionais da Enfermagem que atuam na Clínica Médica do HEAA não possui conhecimentos teóricos sólidos sobre a disfagia. Além disso, a carência de informações se mostrou acentuada entre os técnicos de Enfermagem.

Nota-se também que a idade dos profissionais e o tempo de profissão não são fatores determinantes para os níveis do conhecimento. Em contrapartida, o nível de formação mostrou-se como fundamental para o reconhecimento de sinais e sintomas da alteração da deglutição, de modo que os enfermeiros demonstraram maior índice de acertos sobre os técnicos em Enfermagem.

Por fim, fica em evidência que os profissionais que atuam no setor precisam de maior contato com informações sobre a alteração da deglutição. Um caminho possível para se suprir essa carência surge com a educação continuada, que pode ser executada por meio de palestras, encontros, treinamentos e distribuição de material informativo, como cartazes e panfletos.

REFERÊNCIAS

ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. *Conhecimentos essenciais para escrever bem artigo científico*. São José dos Campos: Pulso, 2003.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; MENDES, Beatriz Castro Andrade; NAVAS, Ana Luiza Pereira Gomes Pinto (Org.). *Tratado de fonoaudiologia*. 2. ed. São Paulo: Roca, 2014.

FILHO, Evaldo Dacheux de Macedo; GOMES, Guilherme F; FURKIM, Ana Maria. *Manual de cuidados do paciente com disfagia*. São Paulo: Lovise, 2000.

FURKIM, Ana Maria; SANTINI, Cecília Salviano (Org.). *Disfagias orofaríngeas*. vol. I. São Paulo: Pró-Fono, 1999.

FURKIM, Ana Maria; SANTINI, Cecília Salviano (Org.). *Disfagias orofaríngeas*. vol. II. São Paulo: Pró-Fono, 2008.

GUEDES, Luciana Uihôa. et al. Conhecimento dos profissionais da enfermagem que assistem pacientes com alterações da deglutição em um Hospital Universitário de Belo Horizonte. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, São Paulo, v. 13, nº 3, p. 372-80. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v14n3/v14n3a14.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2019.

JOTZ, Geraldo Pereira; ANGELIS, Elisabete Carrara-de; Barros, Ana Paula Brandão (Org.). *Tratado da deglutição e disfagia: no adulto e na criança*. Rio de Janeiro: Revinter, 2009.

LEONOR, Verena Dias. et al. As contribuições da educação continuada em disfagia orofaríngea para a assistência de enfermagem pediátrica em um hospital de ensino. *Revista Cefac*, São Paulo, v. 17, nº 5, p. 1531-40, set./out. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n5/en_1982-0216-rcefac-17-05-01531.pdf. Acesso em: 23 jun. 2018.

SILVA, R.G. In: Castro, L. P.; Savassi-Rocha, P. R.; Melo, J. R.; Costa, M. M. B. (Eds). *Tópicos em Gastroenterologia: Deglutição e Disfagia*. MEDSI: Rio de Janeiro, 2000. p. 123-135.

ANEXO

Modelo de questionário aplicado aos profissionais da Enfermagem do setor de Clínica Médica do Hospital Escola Álvaro Alvim

Este questionário é uma adaptação do modelo apresentado por Guedes et al. (2009) e será aplicado aos funcionários do setor de clínica médica do Hospital Escola Álvaro Alvim (HEAA). Escolheu-se este modelo devido à pertinência das perguntas para a realidade a ser abordada, além de ir ao encontro dos objetivos do artigo.

Nome: _____ Unidade: _____

1. Sexo: M () F ()
Idade: () 18 – 25 () 26- 33 () 34 – 41 () acima de 42
2. Qual é a sua formação?
() Enfermeiro () Técnico de Enfermagem () Auxiliar de Enfermagem
3. Quanto tempo você tem de profissão?
() Menos de 5 anos () 5-10 anos () Acima de 10 anos
4. A alteração da deglutição pode ser causada por estes fatores, exceto:
() AVC () Tumores cerebrais () Câncer de cabeça e pescoço () Reumatismo
5. Dentro de seus conhecimentos, você se considera capaz de perceber se o paciente que está sob seus cuidados apresenta algum sinal ou sintoma da alteração da deglutição?
() Não () Sim
6. Os itens abaixo podem ser considerados importantes na avaliação do paciente, exceto:
() Pressão arterial alterada () Perda de peso
() Tosse ou engasgo ao engolir () Pneumonia aspirativa

7. Percebendo alguma alteração relacionada com a alteração da deglutição, além de registrar no prontuário, você:
- Nenhuma das alternativas Comunica ao enfermeiro
 Comunica ao médico Comunica ao Fonoaudiólogo
8. Para você, qual a posição adequada para paciente no momento da ministração da dieta por via oral:
- Deitado Sentado Cabeceira elevada à 45°
9. Você trabalha ou já trabalhou em conjunto com equipe de Fonoaudiologia?
- Não Sim
10. Você já recebeu alguma orientação fonoaudiológica sobre os cuidados com pacientes com alteração de deglutição?
- Não Sim
Se você respondeu sim na questão acima, responda à próxima pergunta.
11. Você segue estas orientações?
- Nunca Às vezes Sempre
12. Você gostaria de receber mais orientações sobre este assunto?
- Não Sim Talvez